SESSÃO

imagem - corpo - paisagem
performance arte - encontro

Declaração de Autoria e Direitos Autorais© [2025] [Silmar p. RioMar].

Todos os direitos reservados. Este portfólio — incluindo, mas não se limitando a, textos, imagens, fotografias, ilustrações, desenhos, projetos, legendas e quaisquer materiais acessórios — é obra original de [Silmar p. RioMar] e encontra-se protegido pela legislação de direitos autorais aplicável. Fica expressamente proibida a reprodução, impressão, cópia, reprodução parcial ou integral, adaptação, tradução, distribuição, disponibilização online, exibição pública, comunicação ao público ou qualquer outra forma de exploração, a título gratuito ou oneroso, de qualquer parte deste portfólio (texto ou imagem), sem prévia e expressa autorização por escrito do titular dos direitos, sob pena das sanções civis e criminais cabíveis, nos termos da lei.

Pedidos de autorização para reprodução, uso comercial, reprodução parcial ou integral, ou quaisquer outros usos devem ser encaminhados por escrito para: riosilmarp@gmail.com

Entra. Respira. Este não é um inventário; é uma sessão — um rito que se abre aqui e agora. Convido-te a aproximar-te sem pressa: afasta do corpo o hábito de esperar explicações lineares e aceita, por alguns instantes, a suspensão do comum. As páginas que seguem não explicam tudo; oferecem janelas: imagens que respiram, textos que são feridas e mapas, objetos que circulam como amuletos. Trata-se de um encontro entre corpo e paisagem, entre gesto e repetição, entre mito particular e matéria cotidiana. Permite que a sequência imponha seu próprio ritmo.

Primeiro, percorre as imagens: deixa que as posturas, os véus, as coroas e as flores estabeleçam um diálogo com o teu olhar. Observa as repetições — gestos que retornam, posturas que se reiteram — como mantras visuais que afirmam presença. Repara na maneira pela qual o corpo se integra à areia, à água, à parede: ora camufla-se, ora se destaca, ora é terreno, ora é instrumento. Os adereços — garrafas, objetos, máscaras — não são meros ornamentos; são partituras móveis que orientam sentidos e deslocam significados. Volta depois aos textos. Eles não te darão um manual; dar-te-ão pistas, fragmentos, pequenas chaves. Junta, no teu caderno de leitura, as imagens e as notas: é na tensão entre o que vês e o que se diz que o trabalho se completa. Há humor e estranhamento lado a lado com o sacral e o erótico: aceita esse balanço.

Não recuses o desconforto — muitas vezes é aí que reside a verdade sensível do rito. Lê este material como quem cruza um território não cartografado. Aqui, a técnica é híbrida: fotografia, colagem, pintura e escrita convivem e se confundem. Atenção às sobreposições, aos recortes, às texturas — é nelas que as camadas discursivas aparecem. Pensa também no aspecto performativo: aquilo que parece imagem é, muitas vezes, ação retida; aquilo que parece documento é, muitas vezes, incubação de gesto.

Se procuras utilidade prática, deixa-me dar um mapa breve: usa estas páginas para estudo atento — compare séries, anota repetições, captura sensações; use-as em curadoria como módulos que se reorganizam em espaço; use-as em crítica como provocação para discutir fronteiras entre autorretrato, ritual e espetáculo. Mas, acima de tudo, entrega-te à experiência estética.

Aceita perder o eixo. Volta a estas imagens em dias diferentes; permite-lhes operar em ti.Que este portfólio te receba como quem acende uma vela: não para iluminar tudo de uma vez, mas para convocar olhares, memorizar ritmos e gerar perguntas. Aqui não há promessa de conforto intelectual; há, isso sim, a promessa de um percurso — sensorial, arriscado, íntimo.

Se decidires permanecer, caminha comigo. Se preferires, retorna depois. O trabalho abre-se para quem aceita ser seduzido pelo estranho, pelo ritual e pela beleza que insiste em não ser convencional.

Bem-vindo à sessão.

SESSÃO

Silmar p. RioMar

trabalhos de 2013 - 2015

SESSÃO é nomeação para o projeto/processo de trabalho que pesquisa os acontecimentos possíveis durante determinado período de tempo-espaço, em que o corpo do outro, a partir de proposições é implicado/engajado como agente, na busca de estados psicofísicos para gerar *performance*, desempenhando determinado circuito de ações e acordos que possibilitam a geração de imagem fotográfica neste trabalho. O corpo do participador será denominado de CONVIDADO. A SESSÃO de trabalho surge do encontro/jogo entre o OPERADOR (propositor) e o outro. Nesta interação é estabelecido algo semelhante ao que se conhece por roteiro. Por método de sorteio, através do jogo de cartas de divinação/adivinhação (cartas de tarô) surge a figura/persona que direcionará, por meio da ideia de arquétipo, os seguimentos para montagem dos elementos constituintes da presença na performance, que acontece entre o corpo, os objetos, o espaço-tempo e o angulo da imagem a ser captada, é nesta intersecção que surge o significado do acontecimento. Marcamos dia/horário, de acordo com as exigências da imagem, essa etapa é denominada ACORDO, onde se efetua o planejamento das condições climáticas ideais, segundo os itens de intensidade de luz, local e elementos da paisagem para a composição. Durante a SESSÃO, utilizamos objetos, adereços e artefatos que são selecionados/escavados e adquiridos em lojas conhecidas popularmente como artigos de quinquilharia/bugiganga que compõe a categoria ARQUEOLOGIA SIMBÓLICA.

Seção N1 ARQUITETURA/GEOGRAFIA de SESSÃO:

CONVITE: a primeira ação parte do OPERADOR e consiste em acionar os participantes, constituir o CONVIDADO. Início sugerido: planificando a proposta: antes do momento de realização, o OPERADOR apresenta a SESSÃO como prática, fornece informações sobre os mecanismos referencias - tarô e arquétipo, e também sobre as etapas do trabalho em geral. Nesse momento geralmente acontece uma intensa troca de ideias e sensibilidades. Também nessa fase joga-se o tarô e retira-se a carta-guia da SESSÃO.

VISUALIDADE/VISIBILIDADE: Momento de encontrar nos processos sensórios- perceptivos a imagem a qual insere-se o CONVIDADO. São também definidos os objetos que serão utilizados e as ações, a serem empreendidas pelo corpo.

NEGOCIAÇÃO: essa fase pode ser realizada por meios de comunicação (email/telefone), consiste em marcar o dia, hora, local e definir as necessidades físicas para o ENCONTRO.

ENCONTRO: trata-se da fase que marca o começo da SESSÃO, quando o OPERADOR e o CONVIDADO partilham suas presenças (consciências) com a PAISAGEM. É o tempo destinado a armar a ARQUEOLOGIA SIMBÓLICA, experimentar o lugar, preparar a câmera. Iniciar a realização ritualística da performance.

ARQUEOLOGIA SIMBÓLICA: São os objetos escolhidos para a inter-relação do CONVIDADO com o entorno, com a função de religar ou (re)constituir a realidade percebida projetando/conduzindo as consciências participantes para outras dimensões/consciências.

PAISAGEM: é o lugar marcado para o acontecimento. Em geral são espaços abertos, onde os elementos são demarcações das forças da natureza ou mesmo daquilo que já existe no espaço escolhido antes da ocupação pelos participantes.

ACORDOS: São as negociações que surgem no encontro onde os participantes são conscientes de todas as decisões tomadas para a realização da SESSÃO.

AÇÃO do corpo (AÇÕES): As energias empregadas em fazer algo por parte dos participantes.

GERATIVIDADE: de material visual, a fotografia. É a produção da imagem, o estabelecimento de relações dimensionais e de presença no ambiente bidimensional da imagem.

DESENLASSE: separação, momento em que OPERADOR e CONVIDADO retornam à consciência de indivíduo.

OPERADOR: pessoa que propõe a SESSÃO

CONVIDADO: pessoa que vivência os aspectos de ALTERAÇÃO-DUPLICAÇÃO, geralmente é o corpo apresentado na imagem.

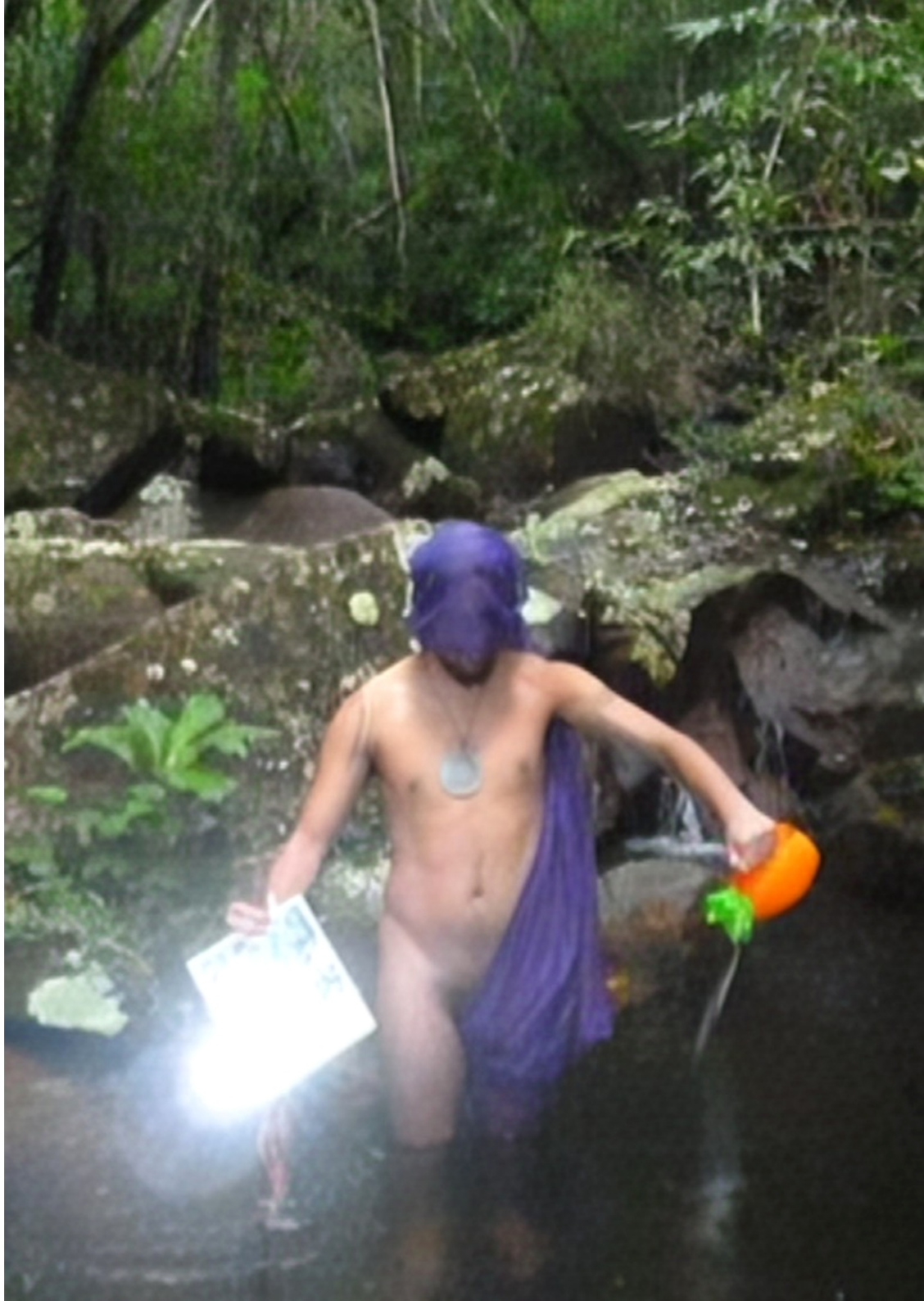
Seção N2 ARQUEOLOGIA FICCIONAL-TEORICA de SESSÃO

A escavação é procedimento utilizado nas práticas arqueológicas, realizado a partir da técnica do escavador de abrir determinados lugares no tempo-espaço do mundo manejando ferramentas capazes de sutileza e precisão que requerem atenção e curiosidade no aprofundamento/penetração dos interiores. A atividade é semelhante ao ato de meditar, quando utilizando técnicas, os escombros/substâncias do interior do corpo são percorridos e para a consciência só interessa chegar ao ponto mínimo, na menor partícula indivisível que se encontra sempre em movimento seguindo a respiração. O lugar e suas dimensões são o preenchimento, pela ação do movimento das coisas no tempo-espaço quem encobre/sepulta objetos, indícios, corpo e vestígios da presença. A escavação é a retirada deste acumulo sobre a memória, trazendo à tona os símbolos, o invisível na experiência/existência do corpo. O tempo de duração pode ser incalculável, à medida que são removidos/movimentados materiais de ocupação dos espaços, o espaço interior vai sendo produzido/resgatado numa revelação/aparição do que estava oculto/encoberto.

Como possibilidade de sobressaltar o perigo de realizar a tautologia do trabalho de arte, e adentrar em definições e explicações, a escavação é estratégia de discussão teórica. É preciso escavar os processos que constituem o trabalho com leveza, profundidade e atenção já que o espaço escrito é essa espécie de receptáculo vazio, onde estão gravados(grafados) as circunstâncias possivelmente

obscuras, aquilo que não havíamos visto/percebido sobre o trabalho durante seu desenrolar prático, por isso o recolhimento do escritor. Nesse sentido a teoria é uma arqueologia da cultura, daquilo que tem sido a sensibilidade de uma época, marcada pelos atravessamentos do tempo, dos hábitos, das sensações e sentimentos em determinadas experiência de vida. A escavação como procedimento de leitura e reflexão acerca da prática desenvolvida aqui, é interlocução que pretende ser sobrevôo marcado, onde o fluir da escrita traz a superfície as evidencias da pesquisa como fala que se faz junto ao texto sem encerra-lo em um regime de descrição/transcrição.

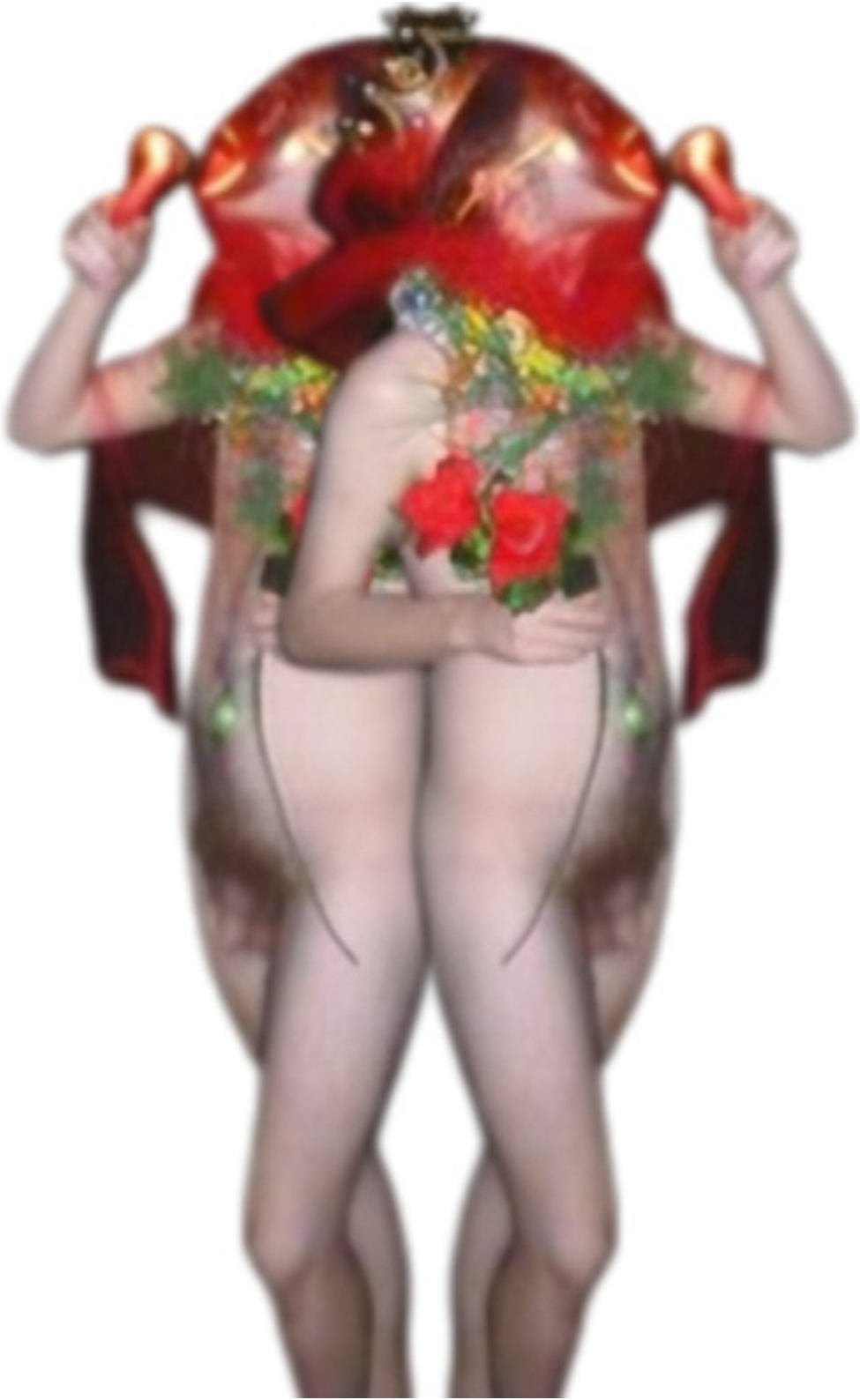
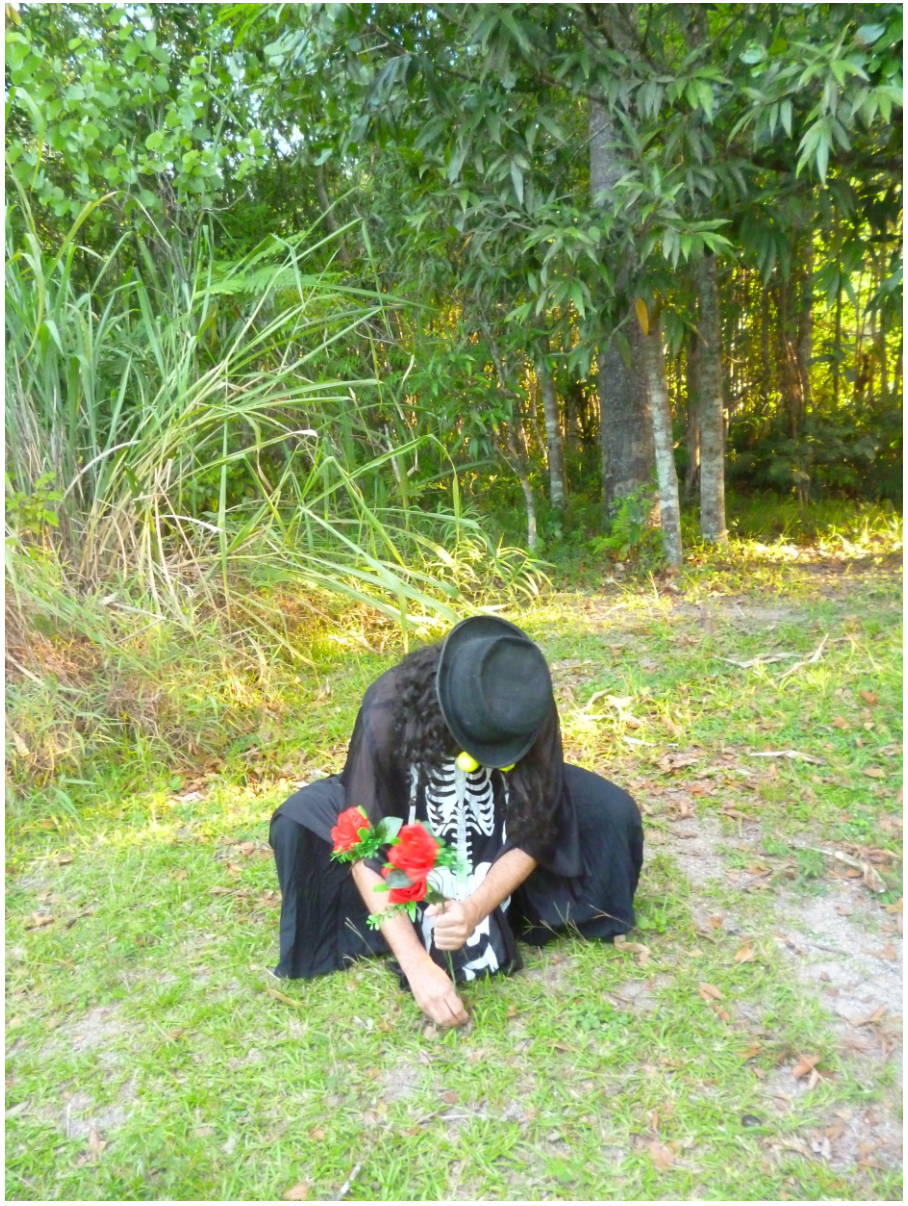
O vocábulo SESSÃO encontra usos diversos: sessão de fotografia, sessão de tarô (baralhos diversos, runas, I Ching, leituras da aura, da mente, e todos os tipos de momentos destinados ao esoterismo/autoconhecimento), sessão de trabalho, sessão de terapia, sessão de piquenique, sessão de jogo(s), sessão de arte, sessão de performance, sessão de conciliação, sessão ao vivo, iniciar uma sessão(linguagem de computador). Também se refere a espécies de agremiações/agrupamentos quando participantes alinhavados em consenso sobre algum assunto/interesse se reúnem para deliberar, discutir, gerar possibilidades para determinações da vida em comunidade. A palavra engloba todas as formas de nomear determinado espaço-tempo que tem começo, desenrolar e final, a reunião de duas ou mais pessoas, ações definidas para cada participante incluindo o propositor. Em visão panorâmica, as consciências- participantes (CONVIDADO, OPERADOR e PAISAGEM) em encontro, tornam-se a mesma consciência, dividem espaço, são simultâneos, acontecem ao mesmo tempo, retomam a experiência da unidade sem individualidade. O ritual/fazer em SESSÃO é recombinação das estruturas de memória ancestral/arquetípica trazida pelo CONVIDADO que vive as ações/comportamentos em sessão.



SESSÃO é espaço-tempo de natureza interdisciplinar. Em sua sonoridade na língua portuguesa, é grafado de quatro modos possíveis, diferentes, sendo uma terminologia com quatro possibilidades de entendimento, duplicidade de homônimos. Em definição técnica -

possível, a palavra-conceito SESSÃO pode ser uma atividade praticada durante algum tempo, onde a consciência da demarcação do início e final é pré-estabelecida, mesmo que por fluxo próprio do segmento da vida de indivíduo, nascer e morrer. Os envolvidos no encontro sabem acerca da duração/durabilidade do estar junto, se faz presente então, à sensação de unidade entre consciências. A contradição, em SESSÃO é a suposição da possibilidade de viver/experimentar lugares que não podemos ter a imagem/ideia precisa gravadas na memória ou na experiência *(visualidade)*. O mesmo sujeito gerativo das condições de existência/ambiente não tem a sensação precisa da PAISAGEM, porque vive toda a SESSÃO sem contar com o apoio do sentido da visão; sendo o CONVIDADO sempre vendado durante o procedimento. Observa-se então, que o CONVIDADO inventa um mundo próprio ao seu redor, assina uma espécie de cosmogonia pessoal, porém consciente, que é inexistente no plano real, esse lugar inventado só existe no processo de *visualização*, imaginário. Talvez aqui esteja uma contribuição para a experiência do sujeito que vive a SESSÃO, a possibilidade de poder estar em outro lugar, dentro de si, mas fora ao mesmo tempo, que será revelado pelo retrato fotográfico. O CONVIDADO e o OPERADOR, formam uma dupla de seres caminhantes, direcionados a repetição do preenchimento-esvaziamento, o ar que entra e sai do corpo, o tocar o outro e ser simultaneamente tocado, a solidão e o estar em companhia.

O enigmático número de itens possíveis para abordar o assunto do corpo é tão impressionante quando a quantidade de atravessamentos, por entre, identidades que este mesmo corpo é sujeito. O corpo é esse complexo espaço-tempo-energia em conexão, comunicação e interação com outros corpos na mesma complexidade, manifestados tanto em outros seres humanos, na natureza, nas cidades, nos habitantes outros da paisagem, nas forças medíveis da gravidade, da largura e da profundidade do entorno, nas forças não alcançadas pela percepção, naquilo que nos acontece que chamamos de inesperado, acaso, futuro ou destino, sorte, desígnio, entre tudo aquilo que somos capazes de nomear, experimentar, nos misturar e conviver/dividir a presença, que são as coisas/objetos. Em muito da história do mundo encontramos o corpo humano vivo ou morto rodeado de suas coisas, desde o nascimento até o pós-morte, o túmulo, na tradição ocidental, em muitas sociedades, ainda é mantido com coisas especificas que simbolizam, expressam, conferem presença a morte, são flores, lapides com epitáfios escritos, imagens de seres celestiais e toda a sorte de objetos intencionais que tratam de efetuar comunicação entre o enterrado e o vivo. Esses rituais conferem sentido de unidade à trama entre cadáveres em estado de decomposição retornando a terra, e seu invólucro que guarda a existência de pessoa, pois reconhecemos que o morto já foi vivo, porem agora habitando a sensação de imobilidade tanto de si quanto do mundo (enterrado), é preciso então escavar o corpo enquanto vivo, sua consciência/inconsciência, no movimento interior ao exterior e vice-versa.



interior ao exterior e vice-versa. Em SESSÃO o corpo nasce da morte, por isso sua relação intima com a imagem como forma de retenção da presença e material de envoltura do acontecimento.